

Por um pensamento complexo do turismo que incorpore a lógica dos fluxos aos roteiros turísticos

Rebecca Cisne¹

Resumo

A compreensão contemporânea de ciência nos leva a pensar em rupturas de um paradigma determinista, unificador e generalista. Baseado no pensamento moriniano da necessidade de um pensamento complexo, este artigo debate o tema Roteiro Turístico, sem desconsiderar o Turismo, tentando trazer para o centro da discussão o Sujeito, agregando a eles uma vertente humanística, e também a ideia de fluxo. A complexidade é aqui tomada como uma postura epistêmico-filosófica que fundamenta teoricamente os argumentos aqui apresentados. Buscamos com isso, uma noção de Roteiro/roteirização que transcenda as fronteiras do moderno e do pragmatismo. Roteiro turístico é aqui considerado, dentre outros, como ferramenta de leitura da localidade visitada, considerando não apenas os atrativos, mas também as relações interpessoais ali desenvolvidas.

Palavras-chave: Turismo. Roteiro Turístico. Complexidade. Sujeito. Fluxo.

1. PARA INTRODUIZIR: A COMPLEXIDADE MORINIANA PARA A COMPREENSÃO DE ROTEIRO TURÍSTICO

A filosofia que norteia o pensamento complexo baseia-se na ordem, desordem e organização. Da desordem aparecem princípios de ordem, poder-se-ia entender, assim, que o mundo se organiza ao mesmo tempo em que se desintegra. Isso não significa que a desordem ocupou o lugar da ordem, mas revela o jogo entre a ordem, a desordem e a organização. (MORIN, 2001, p. 493). É dentro desse princípio de dialógica que esta reflexão se insere, considerando também a dialética, ao passo que as noções de ordem e desordem rejeitam-se ao revelarem-se antagônicas e a princípio contraditórias, mas, ao organizarem-se, revelam-se complementares para a concepção do fenômeno.

O questionamento que a Complexidade coloca é: “como conceber a relação específica daquilo que é ordem, desordem e organização?” (MORIN, 2001). Dentro do exposto e, ao exemplo de Morin, traz-se aqui a seguinte questão: como se daria a relação entre Roteiro Turístico Moderno, Espaço, Tempo, Tematização, Sujeito, Tecnologia e Roteiro Turístico pós-moderno.

¹ Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul; Especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira; Bacharel em Turismo pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia.

A possível resposta a esse questionamento é buscada em Morin (2008). Para chegar a essa resposta, porém, este artigo abordará a compreensão dos fatores que teriam levado à superação das reduções científicas, principalmente pelo fato de em nossas publicações anteriores ter-se enfatizado a negligência acadêmica ao relegar a compreensão de Roteiro Turístico ao entendimento de senso comum. A necessidade de (re) pensar esses fatores de redução científica está exatamente na justificativa de ter classificado as concepções de Roteiro Turístico como reducionistas.

A redução científica no caso dos Roteiros Turísticos pode ser observada na restrição de Roteiro Turístico à contingência de cronograma de viagens. Sua superação far-se-ia com a idéia de superação da desordem, o que, segundo Morin (2001), tem sido fundamento nos estudos de Física Quântica, que apontaram para a necessidade de tratar a desordem e de negociar com as incertezas, anulando o pressuposto de certeza absoluta atribuída à ciência. Seguindo esse raciocínio, Morin (2001, p. 495) afirma que “os dados são, pois, certos em condições espaço-temporais limitados. Porém as teorias não são certas. As teorias científicas podem sempre ser refutadas pelo aparecimento de novos dados [emergências] ou de novas maneiras de os considerar”.

Além disso, aqui também será abordada, de forma ensaísta, a necessidade de trazer a abordagem dos fluxos para os debates de turismo e, principalmente, para uma compreensão contemporânea de Roteiro Turismo. Para esta, acrescentamos às categorias tradicionais² (Tempo, Espaço e Tematização) duas outras categorias constitutivas do conceito no momento contemporâneo: Sujeito e Tecnologia. Para este artigo, consideramos que existe uma emergência latente a uma compressão de Roteiro Turístico que acompanhe as demandas de sujeitos cujas sensibilidades navegam no século XXI. A idéia de emergência aqui é apoiada em Morin (2001), segundo ele o todo tem um determinado número de qualidades e de propriedades que não aparecem nas partes quando estão separadas. Disso surgiria a noção de emergência. Emergência de qualidades e propriedades constitutivas da organização de um todo (MORIN, 2001).

² Para mais detalhes sobre nossa postura em relação às categorias tradicionais e contemporâneas de Roteiro Turístico consultar CISNE, Rebecca; GASTAL, Susana. A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação. In: Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 6, 2009, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Aleph, 2009.

Isso posto, dentro da presente proposta, têm-se como emergência as novas sensibilidades de Sujeitos, alteradas frente ao paradigma das Tecnologias da Informação, gerando percepções de Tempo³ e de Espaço⁴ diferentes das tradicionais e das modernas. Observando o Roteiro Turístico como cronograma de viagens, portanto, como organizador de atrativos no Tempo e no Espaço, considerando também a emergência de novas sensibilidades relacionadas a tais dimensões, desordena-se a estrutura do pensamento de Roteiro Turístico sob a perspectiva cronogramática.

2. TURISMO E MOBILIDADE: DO PARADIGMA DA SIMPLICIDADE AO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Quando se fala em reducionismo neste estudo, tem-se como fundamento o que Morin (2008) denomina de paradigma da simplicidade, ou seja, o conjunto de princípios de disjunção, de redução e de abstração, portanto, a redução do complexo ao simples, ou no caso do Turismo, a redução do fenômeno ao produto. É dentro desse contexto que a produção teórica no Turismo, salvo alguns pioneiros contemporâneos, tem sido calcada no paradigma da simplicidade, um conjunto de princípios, de disjunção, de redução e de abstração, o qual foi formulada por Descartes ao separar ciência e filosofia, colocando como princípio de verdade as idéias “claras e distintas”, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo (MORIN,

³ No pré-turismo, vivia-se um tempo marcado pelas estações do ano, cada estação tinha uma gama de significado para o Homem Nômade. Tempo de plantar, tempo de colher, tempo de sair em retirada para terras mais seguras, menos frias, que prouvesse o alimento. O período do Turismo Industrial impõe uma nova lógica temporal. O tempo passa a tomar uma dimensão cronológica e seus efeitos no Turismo passa a ser visto na sua relação direta à tecnologia dos meios de transporte com o espaço a ser percorrido. A percepção cronológica do tempo fez com que, nesse período de Turismo Industrial, tivesse sua mensuração relacionada à velocidade de transposição do espaço, da mesma forma em que a eficiência dos transportes era mensurada pela sua capacidade de transcorrer maiores distâncias em menos tempo (CISNE, 2010).

⁴ No Pré-Turismo o homem percorria o espaço a seu próprio tempo e sem mediações externas, apesar de há haver a iminência de uma tecnologia, ainda rudimentar aos parâmetros atuais, mas que dava ao indivíduo nômade a possibilidade de percepção do espaço percorrido. Com o Turismo Industrial, com o advento das técnicas que impulsionaram o desenvolvimento dos meios de transporte, o homem deixa de perceber o percurso. Emerge a idéia de que percorrer um espaço seria algo sofrido. A velocidade dos transportes surge como resposta a esse sofrimento. Procura-se eliminar, apagar a sensação de se estar percorrendo um espaço. O espaço, nesse período, é simplesmente vencido pelo viajante. Já no Pós-Turismo, a definição de longe e perto é totalmente relativa e presa a percepção, ainda que continue relacionada à velocidade dos meios de transporte, mas também dos meios de comunicação e das tecnologias da informação. O espaço, hoje, deixa de ser mensurado por escalas espaciais e passa a ser mensurados também pelo tempo. Além disso, no momento contemporâneo abre-se espaço também para se falar em espaço virtual (CISNE, 2010)

2008). Essa redução do complexo ao simples teria surgido de uma proposta para remediar a disjunção no Turismo, quando suas produções têm como vertente dados meramente quantitativos (MOESCH, 2002). O que reforça a idéia de que nesse campo, a redução do complexo ao simples se dá quando ele é ignorado enquanto fenômeno para ser analisado apenas pelo viés econômico, atribuindo-o um valor de produto/mercado. Defende-se, então, que o tratamento epistemológico do Turismo seja acompanhado de um pensamento complexo, a fim de buscar cada vez mais a compreensão do fenômeno em sua totalidade, embora se reconheça que a própria filosofia da complexidade esteja calcada na incompletude de todo conhecimento, reconhecendo-se, assim, que ele jamais estará acabado.

Morin (2008) também fala sobre a mutação no conhecimento. Este estaria cada vez menos preparado para ser refletido e discutido pelos espíritos humanos, e cada vez mais preparado para ser incorporado às memórias informacionais e manipuladas por poderes anônimos, nomeadamente aos Estados, constituído por certo tipo de relação lógica extremamente forte entre noções mestras, noções chave e princípios chave. Tendo o Turismo como exemplo do exposto, tem-se um fenômeno social – mobilidade humana – que é ao mesmo tempo um fenômeno econômico – gerador de emprego, renda, crescimento econômico e, se bem planejado e gerido, pode proporcionar desenvolvimento. As duas realidades do Turismo, econômica e social, quando olhadas pelo paradigma da simplificação, obrigam-os a serem analisados separadamente, reduzindo o Turismo ou à atividade econômica, ou ao fenômeno social; ou ainda reduzindo o mais complexo, fenômeno social, ao menos complexo, atividade econômica. Já o paradigma da complexidade, por sua vez, olha-os como parceiros, ainda que a primeira vista antagônicos, mas um não existindo sem o outro; no jargão administrativo/gestor, dir-se-ia que não haveria desenvolvimento social sem crescimento econômico. Portanto, um é simultaneamente o outro, apesar de tratados – econômico e social – por termos e conceitos diferentes.

3. TURISMO: FENÔMENO COMPLEXO

A complexidade da relação ordem/desordem/organização surgiria quando se verifica empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, que contribuem para o aumento da ordem

(MORIN, 2008). A ordem administrativa é mais desenvolvida que a ordem das ciências sociais; é uma ordem que se desenvolveu para evitar erros, para evitar a desordem, para abstrair o imprevisto; por outro lado, o mundo das ciências sociais tolera e comporta com mais facilidade a desordem que as ciências administrativas, pelo próprio princípio da administração de trabalhar para a não evidencia do não-planejado, buscando lidar com o imprevisto de maneira rápida e lógica. Percebe-se assim que a desordem e a ordem crescem ambas, simultaneamente no seio de uma organização que se complexificou.

Hoje, a concepção de Turismo conforme proposta por Moesch (2002), ou ainda a visão de Panosso ao falar em fenômeno turístico, traz a impossibilidade de pensá-lo em termos simples. Moesch traz o primeiro paradoxo, percebendo o Turismo como “uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais” (MOESCH, 2002, p. 09), ou simplesmente “fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico aos sujeitos que o praticam” (IDEM, p. 134). Aliando produção e serviço – aspectos ligados à administração e economia – e a prática social, ambivalência interna encontrada dentro das teorizações de Turismo que tendem a separá-los, a autora traz também outras categorias que o constituem, portanto, necessárias ao seu entendimento. Depois, Panosso (2005), busca a compreensão de Turismo sob a fenomenologia, falando, portanto, em fenômeno turístico. Segundo ele, “falar do fenômeno turístico significa dizer de uma ação que está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si”. (PANOSSO, 2005, p. 104). A partir disso o autor traz a noção de aparência que não mais refere à simplificação e superficialidade. Ambos os autores rompem com as amarras do universo da produção em Turismo uma vez submetidas ao tempo e ao espaço, evocando compreensões e categorias apartadas dessas categorias, escapando, conseqüentemente, de sua simplificação pela superficialidade de análises baseadas em meras aparências.

Segundo Morin (2008), a complexidade está onde não se pode vencer uma contradição e, assim, o pensamento complexo se impõe ao Turismo e, especificamente, ao Roteiro Turístico, pois a compreensão destes está nas nuances do não vencimento de uma contradição. Portanto, quando Moesch (2002) assume que o conceito de Turismo escapa da

superficialidade aparente (PANOSSO, 2005) de tempo e de espaço, precisa-se ter em mente que isso não anula o fato de que simultaneamente o Turismo e o Roteiro Turístico desenvolvem-se, de forma incontestável, em um tempo e um espaço, ainda que agora, quando as sensibilidades dos Sujeitos estejam também inseridas em uma sociedade informacional que navegam no século XIX.

4. SUJEITO E FLUXO: BASES PARA A COMPOSIÇÃO DO ENTENDIMENTO

Dentro desta construção, colocou-se, de forma latente, uma instigante referência de De Botton (2003) à carência de reflexões filosóficas no campo do Turismo. Segundo ele,

[...] se nossa vida fosse dominada por uma busca pela felicidade, talvez poucas atividades fossem tão reveladoras da dinâmica dessa demanda – em todo o seu ardor e seus paradoxos – como nossas viagens. Elas expressam – por mais que não falem – uma compreensão de como poderia ser a vida, fora das restrições do trabalho e da luta pela sobrevivência. No entanto é raro que se considere que apresentem problemas filosóficos – ou seja, questões que exijam reflexão além do nível prático. Somos inundados de conselhos sobre lugares *aonde* devemos ir, mas ouvimos pouquíssimo sobre *por que* e *como* devemos ir – se bem que a arte de viajar pareça sustentar naturalmente uma série de perguntas nem tão simples, nem tão triviais, e cujo estudo poderia contribuir modestamente para uma compreensão do que os filósofos gregos chamam pelo belo termo *eudaimonia* ou desabrochar humano (DE BOTTON, 2003, p. 17)⁵.

Essa referência à reflexão filosófica sobre o Turismo, ou melhor, sobre o deslocamento e a viagem, trazida por De Botton tem reflexos diretos no tema central deste estudo: o Roteiro Turístico. Este, da forma como tem sido abordado até agora pelos teóricos, têm sido reduzidos à indicação de atrativos merecedores de serem visitados, portanto, *aonde* ir. De Botton traz ainda a referência ao Sujeito, como pulsão à errância e desejo do outro lugar, aspectos que serão retomados mais adiante. A partir disso, assumindo, então a complexidade como um problema e não uma solução; como aquilo que não pode resumir-se numa palavra mestra, o que não pode reduzir-se a uma nova lei ou uma idéia de complexidade (MORIN, 2008), este artigo tentará apresentar, a partir da complexidade, propor um pensamento filosófico sobre Roteiro Turístico que considere o Sujeito do Turismo e,

⁵ Grifo do autor

particularmente, incorpore a lógica dos fluxos. Isso justifica o fato de, no presente artigo, enfatizarmos apenas a categoria Sujeito.

O sujeito na visão tradicional da ciência, ou seja, pelo determinismo, faz crer que não há sujeito se não houver consciência, pois sem esta não haveria autonomia. A autonomia, para a compreensão do Sujeito estaria no fato de que este se coloca no centro de seu próprio mundo, ocupa o lugar do “eu” (egocentrismo). Apesar de todos poderem dizer “eu”, só se pode dizer “eu” por si próprio. Ninguém pode dizer “eu” pelo outro, nem mesmo os gêmeos (MORIN, 2002). Conforme idéia já debatida anterior, chega-se assim à Complexidade individual, ou seja, quando o Sujeito se coloca no centro de seu próprio mundo, coloca-se aí também os “seus”: seus pais, seus filhos, seus concidadãos e são capazes de sacrificar suas vidas por eles. Portanto, “ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente. É ser provisório, vacilante, inseguro, é ser quase tudo por si e quase nada pelo universo” (MORIN, 2008, p. 96). A autonomia por si só é complexa porque depende de condições culturais e sociais. Depende, alienta-se da dependência. Para que o Sujeito seja ele mesmo depende de uma linguagem, uma cultura, um saber, uma educação, uma sociedade, um cérebro (MORIN, 2008). Dessa forma, chegamos aqui à idéia de SUJEITO COMPLEXO.

Tomando a noção de autonomia proposta por Morin (2008), a qual se mostra complexa porque depende de condições culturais e culturais e, portanto, alimenta-se de dependência, pode-se dizer que o Roteiro Turístico ou ainda a Roteirização, é igualmente autônomo. Da mesma forma que para que o sujeito seja ele mesmo depende de uma linguagem, cultura, saber (MORIN, 2008), o roteiro/roteirização depende do Sujeito, que é igualmente autônomo “sendo ao mesmo tempo dependente” (IDEM, p. 96). Portanto, o Roteiro enquanto objeto autônomo depende do Sujeito que o concretiza a partir da capacidade de organizar sua mobilidade no tempo e no espaço, valendo-se de conhecimentos prévios proporcionados pela tecnologia, que por sua vez, facilitou para a criação de imaginários e deu ao Sujeito condições para “tematizar” seus Roteiros a partir de seus interesses subjetivos desenvolvidos por suas próprias idéias. Da mesma forma em que a dependência da autonomia mostra que se depende de uma educação, de uma cultura, de uma sociedade e de um cérebro, que por sua vez é produto de um programa genético. Os Sujeitos possuem genes que os possuem. Graças a esses genes os sujeitos têm cérebro e capacidade de retirar de uma cultura os elementos que os interessam e desenvolver as suas próprias idéias. Assim, o Roteiro é

autônomo, DEIXA IR COM O FLUXO, pela percepção do sujeito que o materializa quando em movimento, errante, mas é também possuído, possuído pelo desejo de outro lugar.

As questões habituais ou as respostas convencionais parecem não dar conta dessas novas questões. O novo espírito do tempo traz consigo um ambiente extremamente permissivo à errância e ao nomadismo, vendo-os como um valor social (MAFFESOLI, 2001). Isso excita o surgimento do que o autor chama de paradoxo pós-moderno, em que, há dialética entre valores sedentários estabelecidos e as lógicas originadas no nomadismo. Maffesoli (2001) considera que o sujeito pós-moderno é marcado por um “drama contemporâneo”, vivido em uma linha tênue e de dialética constante, revelado pelo desejo de evasão (marca do nomadismo) e, ao mesmo tempo, o compromisso de residência (marca do sedentarismo).

A mobilidade é quase uma regra, seja pela sobreposição do movimento ao repouso; seja pela idéia de que a circulação é mais criadora do que a produção, já que o Sujeito põe-se em constante “ESTADO DE FLUXO”, da mesma forma em que imagens, produtos, mercadorias e idéias também aderem à cultura do fluxo. A partir disso, teria surgido, segundo Santos (2009, p. 328), “a idéia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente uma outra palavra para designar estranhamento, que também é *desculturização*”⁶, quando se trata de fluxos migratórios. Apesar de se falar em fluxo turístico com naturalidade, os teóricos não se debruçam ao entendimento lato do significado do termo. Centeno (1992), argumenta que a substância no Turismo é o fluxo. Gastal (2005b, p. 49) afirma que no Turismo “quer nas suas teorizações, quer nas suas práticas de sala de aula, tem[-se] priorizado questões como planejamento e gestão de destinos turísticos”, relegando a viagem, o percurso, o deslocamento a segundo plano. Assim, a pesquisadora argumenta que é necessário deslocar a discussão do Turismo para os seus fluxos, portanto, a viagem, como principal objeto desse campo de estudo.

Para este contexto, então, fluxo faz referência a coisas que não permanecem no seu lugar, mobilidade e expansões variadas, globalização em muitas dimensões. A proposta de pensar o fluxo dentro do contexto aqui proposto usa como metáfora as correntes/cursos de um rio, que são capazes de transportar objetos dentro de uma dimensão espacial. No Turismo, é importante para sua análise e reflexão pensar que os fluxos têm uma direção, que ganham um

⁶ Grifo do autor

Lugar no espaço e que cruzam pelos chamados Não-Lugares, ou lugares de nômades, retornando, sempre ao seu ponto de partida, sua origem. Mas ao retornarem, voltam com sua bagagem cultural ampliada e trazem consigo um pouco do legado cultural dos Lugares visitados, o que tem como consequência a “expansão do ser”, ou nos termos propostos neste estudo, a viagem provoca o encontro do Sujeito com outra face de si mesmo “*moi*” para a composição de seu ser estrutural, o “*Je*”.

Compor um pensamento sobre Roteiro Turístico que busque na compreensão de fluxo seu significado maior, requer pensá-lo não apenas como cronograma de viagens que agrupa atrativos no tempo e no espaço, mas redimensiona sua questão ao pensar Turismo como Fenômeno e não como produto e, então, Roteiro em termos processuais e em suas três dimensões.

5. PARA NÃO FINALIZAR: LIMITES E PROSPECÇÕES

A nova postura científica, que possibilita o diálogo entre pesquisador e dúvida, dá espaço ao pensamento dialético e complexo, que têm suas bases na incerteza e nos questionamentos, que quebram com os padrões estruturais de “certeza” e de “verdade”, outrora estabelecidos, desordenando-os para buscar fundamentos que levem à construção de uma nova percepção do fenômeno estudado, criando assim uma nova teoria que vigorará até ser refutada pelas novas emergências.

Com bases nisso, tendo as categorias tradicionais e as novas proposições de categorias para analisar o Roteiro Turístico, optou-se por construir a busca por sua compreensão epistêmica, que desse conta das sensibilidades pós-modernas, na complexidade, a qual, “devido exatamente ao número das interações, das retroações que nela se situam, com retroações ditas ‘positivas’, acentuam o desvio e devem levar à metamorfose ou explosões, também [gera] incertezas” (MORIN, 2001, 495). Assim, tendo a complexidade como postura epistemo-filosófica que reconhece a desordem e o imprevisto e, por isso, reconhece também a incerteza do conhecimento, o desafio desta construção foi tecer em comum-unidade a incerteza. Nesse sentido, assumiu-se a contradição como complementaridade para a composição desse estágio, tido neste momento, como “final”.

O objetivo aqui foi o de propor uma reflexões acerca da relação Roteiro Turístico, Fluxo e Sujeito, balizadas pela complexidade como postura epistemo-filosófica, tentando desvelar as múltiplas facetas de um problema e, pela ambição de examinar o Roteiro Turístico sob um olhar epistemológico, tendo em vista que “as linguagens privilegiadas para descrever os fenômenos correspondentes, as lógicas concorrentes mobilizam óticas e sistemas de representação totalmente irreduzíveis uns aos outros” (ARDOINO, 2001, p. 484-5), ilustrando assim que a unidade e a diversidade encontram-se conciliadas no seio de uma *unitas multiplex*.

O Roteiro Turístico tem uma realidade *per se*, inerente à sua materialização. Isoladamente, sob o olhar pragmático, ele assume valor de mercado, mas não se pode esquecer que, frente às novas sensibilidades de Sujeitos que navegam pela era da tecnologia da informação, o Roteiro Turístico é dotado também de um valor social, intrínseco a sua existência relacional. Os atrativos (turísticos ou não) asseguram a continuidade do tempo Turístico e da temporalização do Sujeito, o que é garantido pela sucessão dos eventos, dos fluxos, que, por sua vez, mudam o sentido de Tempo, criando novas temporalidades.

O roteiro turístico pós-moderno tem autonomia em sua existência, por sua essência corpórea, diferentemente do Roteiro Turístico tradicional que não tem autonomia de significação. A linha que marca a transição de paradigma de Roteiro Turístico do tradicional ao pós-moderno é bastante tênue, pois essa mudança de paradigma vem das diversas relações que mantém com os eventos (fluxos). E assim, na terceira esfera do Roteiro, o tempo testemunha a materialidade do Roteiro, sendo, simultaneamente, passado, presente e futuro. O roteiro turístico pós-moderno é ele próprio a expressão atual de experiências e eventos passados e de imaginários no futuro.

Santos, 2009), de olhar o Roteiro não mais sob seu valor sistemático, ou seja, considerando-o como um objeto dentro do Sistema Turístico, como uma síntese do Lugar; mas compreendê-lo sob seu valor absoluto, ou seja, pelas suas características intrínsecas e atributos que o apresentam como organizador de experiências. Por analogia à proposta de Kluber, que propõe que se trabalhe com três coordenadas (lugar, idade e sequência) para entender a produção do espaço, indicam-se aqui as três coordenadas que poderiam ajudar do Roteiro Turístico pós-moderno: (NÃO-)LUGAR (espaço); SEQUÊNCIA (tempo); e EXPERIÊNCIA (Sujeito), que em consonância, dão margens à organização do fluxo. Primeiro, porque todo

Roteiro se materializa no espaço, seja ele fixo (Lugar) ou fluxo (Não-Lugar). O Roteiro Turístico só existe no espaço geográfico, no momento em que ele se instala para ganhar a certidão de empirização.

A segunda, seqüência, é a que aponta com maior rigor à distinção entre o tradicional e o pós-moderno, já que a duração física de um roteiro não pode ser completamente conhecida com anterioridade, pois depende do comportamento dos Sujeitos em tal espaço, o que pode apenas ser imaginado pelo operador. A conexão existente entre os atrativos “merecedores” de serem visitados é dada pelo fluxo, ou seja, pela empirização do tempo.

Os fluxos são produto e resultante do espaço, da interpretação do Sujeito Turístico e de suas manifestações particulares. O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos e dos fluxos com a valorização diferencial dos lugares. Há ainda aquela seqüência de imaginário à viagem (planejamento do roteiro), materialização do deslocamento no espaço físico, e a construção do *moi*. Essa abre margem à terceira coordenada, a experiência, a qual se baseia na idéia de que é o INSTANTE que valoriza diferentemente o Roteiro, portanto, depende da compreensão de tempo lento e tempo rápido, apresentados no capítulo quatro, e da subjetividade de cada Sujeito, já que a cada momento, o valor da totalidade é mudado em função das percepções do indivíduo. Ou, seja, nada mais de panorama, somente uma visão, percepções, em que o tempo vem à tona antes de “desaparecer”, passando da cronologia a uma duração de tempo que se expõe instantaneamente.

Essa relação é clara no Roteiro Turístico Pós-Moderno, que dá margens ao imprevisto, pois abre espaço à processos que são negados no roteiro tradicional, cujo foco está em assegurar a incidência do acontecer. O roteiro turístico pós-moderno assume a possível mudança das funções das coisas. Essa migração de valores não é aleatória. Ela revela as determinações pelas quais o roteiro tradicional busca encaixar-se nas formas preexistentes e criadas, podendo somente ser entendido como um modelo espaço-temporal.

6. REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação): economia, sociedade e cultura) Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTENO, Rogelio Rocha. **Metodología de la investigación aplicada al turismo**. México: Trillas, 1992.

CZIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow**. New York: Harper & Row, 1990.

_____, Mihaly. **Flow: The Classic Work on How to Achieve Happiness**, Rider, London: 2002

DE BOTTON, Alain. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o mini dicionário da língua portuguesa**. Coordenação de edição: Marina Bairt de Ferreira; equipe de lexicografia: Margarida dos Anjos. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

_____, Susana. **Imagens e imaginários**

_____, Susana. **Nomadismo e turismo: Viagem como vida no espaço**. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005b.

GASTAL, Susana e MOESCH, Maritschka Martini. **Turismo e políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007 (Coleção ABC do Turismo).

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: **Mana**. vol.3, n.1, 1997. pp. 7-39.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org) **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: AUCITEC, 1996.

MAFFESOLI, Michael. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. In: MORIN, Edgar. **O desafio do século XXI: religar os conhecimentos**. 3ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. 5ed.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

SANTOS, Milton, **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. 5 reimp. São Paulo: Edusp, 2009.